

Invasor não consegue ser operado

Carlos Menandro

Há quatro dias, um paciente perambula pelos corredores do Hospital Presidente Médici à espera de vaga num dos leitos para poder se submeter a uma operação que, segundo os médicos, precisa ser feita com urgência. O paciente é Elias Ribeiro da Silva, 43 anos, presidente da Comissão de Moradores da 110 Norte.

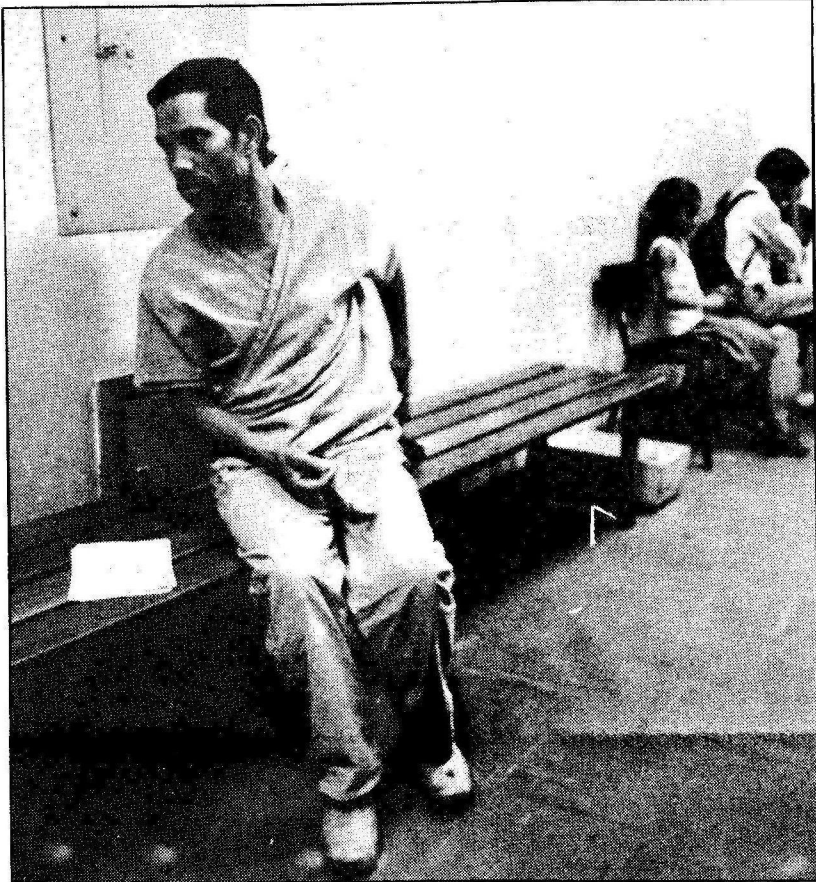
Elias sofre da Doença de Chagas há mais de oito anos e usa marcapasso. Domingo, quando os favelados foram retirados da invasão da 110 Norte, o coração de Elias não suportou as emoções do despejo em massa. A «Operação Relâmpago» começou às 03h 00 de domingo, e às 06h00, Elias teve que ser encaminhado ao Hospital Presidente Médici com problemas cardíacos.

O laudo médico atesta que o presidente da Comissão foi internado com várias escoriações, devido a um tombo que sofreu durante a remoção dos invasores. Elias, porém, alega que caiu porque seu coração não resistiu. Além do mais, o marcapasso já tem um ano e sete meses de uso. Por isso, segundo o laudo médico, embora o estado de saúde de Elias não seja crítico, ele precisa, urgentemente, fazer a operação — o que ainda não foi feito por falta de leito no hospital.

Preocupado com a sua mulher, Maria de Lourdes Vidal da Silva, e seus oito filhos (todos menores), com a violência policial e dos funcionários da Novacap, Elias Ribeiro fugiu do Hospital às 10h00 de domingo, num táxi, dirigindo-se à invasão. Ao ver o quebra-quebra, destruição e incêndio dos barracos; violência contra as mulheres e crianças, sofreu um novo ataque e foi novamente internado no Presidente Médici, às 11h30, de onde não mais saiu.

Onde morar

A grande preocupação da família de Elias Ribeiro é não saber onde vai morar. Ele disse que sua mulher e seus filhos estão no cerrado, na Chácara do Euribe, situada nas proximidades da indústria de Cimento Fercal, em Sobradinho. Morando em Brasília há mais de 16 anos, Elias está inscrito na SHIS e na Terracap, mas ainda não conseguiu um lote. Ele mostra inclusive, o saldo de sua caderneta



Há quatro dias, Elias espera por um leito para poder operar

de poupança, no valor de miniguados Cz\$ 5 mil, destinados à construção de um barraco, em qualquer lugar onde ganhar um lote.

Dos oito filhos de Elias, três estudam em escolas da Asa Norte, dois na Escola-Classe da 312, um no Gisno, dois na Escola-Classe da 113, um na Escola-Classe da 115. Ele apresentou à Terracap todas as declarações de escolaridades expedidas pela FEDF, dos filhos na esperança de conseguir um barraco na invasão do Ceub, ou em qualquer lugar na Asa Norte.

«Acho que temos que aceitar os 40 lotes oferecidos pelo diretor-executivo da Fundação do Serviço Social, Gustavo Ribeiro. Sei que não vai dar para todo mundo morar. Mas não tem outro jeito. Me disseram que nos lotes dá para entrar até 80 famílias», disse Elias Ribeiro sobre a possível trans-

ferência de famílias para a Agrovila Alexandre Gusmão.

Operação

No Hospital, ele espera im-paciente a hora de sua operação. «Há tanta coisa que preciso resolver, e eu aqui nessa situação. Tudo por culpa do GDF. Até a doutora já disse isso». Na saída da equipe de reportagem do **Jornal de Brasília** do hospital, ele mandou um recado ao governador: «Nasci em Luziânia, e sou goiano. Brasília foi construída em terras do meu Estado, e está em minha terra. Tenho o direito de morar aqui. Por isso fico perturbado, emocionado, e meu coração não aguenta quando penso em toda essa luta, nas crianças — nesse povo todo, que precisa de um lugar para morar, mas que só recebe pancada e violência como resposta. Eles e eu precisamos de paz para não morrermos. Não quero morrer».